

/ PALAVRA DO LEITOR

Fundo eleitoral

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgou os valores do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) para as eleições de 2026, que totalizam R\$ 4,9 bilhões, distribuídos entre 30 partidos (Jornal do Comércio, edição de 05/06/2026). Esse valor liberado para as campanhas deveria ser destinado à saúde, educação e segurança pública, e não para partidos políticos. (Claudio Cardoso Scheffer)

Exportações de carne

A União Europeia (UE) confirmou o veto à carne brasileira e suspendeu as importações dos produtos a partir de setembro (JC, 06/06/2026). Vamos exportar a carne brasileira para a China, enquanto os europeus vão pagar mais caro pela carne europeia. (José Eduardo de Castro Jr.)

Economia

O ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Márcio Elias Rosa, disse que o Brasil vive uma situação econômica muito estável, mas citou a taxa de juros como exceção (JC, 17/05/2026). Lógico que o ministro vai dizer que a economia do País está estável, ele acabou de ser nomeado ao cargo. A realidade da situação crítica da economia do Brasil está nas vidas das pessoas que não conseguem mais fazer compras nos supermercados. (Eduardo Henrique de Lima)

Transporte coletivo

A Zona Sul de Porto Alegre deve ganhar um novo terminal de ônibus, localizado no bairro Cristal, com investimento de até R\$ 120 milhões e potencial de atendimento a cerca de 614 mil pessoas (JC, 05/06/2026). Seria melhor um transporte como aeromóvel ou o monotrilho, que foi instalado em São Paulo, saindo do terminal Mercado (com o Trensurb, se possível) e indo em direção ao extremo sul (Belém Novo). Isso facilitaria a vida do trabalhador, dos estudantes, ajudaria a reduzir o fluxo de veículos no trânsito e valorizaria áreas da região onde o sistema passasse. (Bruno Devit)

Transporte coletivo II

Gostaria de saber quando o sistema de ônibus BRT, integrando os outros terminais em Porto Alegre, vai funcionar normalmente como integração entre linhas do transporte coletivo na cidade. (Mauricio Maia)

Transporte coletivo III

A prefeitura de Porto Alegre deveria investir no Arroio Cavalhada, que fica próximo ao local onde será construído esse terminal de ônibus na Zona Sul. Quando chove muito, causa alagamentos na região. (Bruno Santos)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Aos queridos artistas

Sergio Stock

Começo essas mal traçadas linhas, dizendo aos nossos atores, cantores, compositores, produtores, diretores e tantos outros profissionais da arte e da cultura que os admiro profundamente, por tudo que representam para o nosso desenvolvimento como seres humanos, trazendo alegria, reflexões e tantos lindos momentos. Respeito ainda mais profundamente a trajetória de muitas dessas pessoas, que lutaram bravamente para chegar onde estão. Conquistaram espaço por merecimento. Isso sem falar nos milhões de empregos que a cultura gera em todo o Brasil. Como sempre, vocês merecem o nosso aplauso. Em pé!

Mas quando um povo sofre de uma doença coletiva, nem os produtores de arte e cultura escapam. Refiro-me à tal polarização política, se é que podemos chamar certas discussões de "política". Sim, sempre houve polarização. Sempre escolhemos um lado. Mas da forma como está atualmente, não lembro.

O fato é que estamos nos sentindo na obrigação de emitir a nossa opinião em tudo e isso se aplica às nossas preferências políticas. Estamos deixando nos levar por caminhos escorregadios, que podem desagradar quem não quer ouvir nossa opinião. Não está interessado.

Recentemente assisti a um belíssimo espetáculo teatral, emocionante, de alta qualidade, com atores e atrizes maravilhosos, muito bem dirigido. Foi tudo ótimo, até chegar o final da peça e a citação de patrocinadores e agradecimentos. Lá veio a manifestação de cunho político, mesmo que nenhum nome ou partido tenha sido citado. Resultado: uns 20% da plateia aplaudiram e os demais ficaram com cara de qualquer coisa, indefinida e talvez até incrédulos, pois tinham acabado de assistir a um lindo espetáculo. Portanto, não estavam ali para saber a preferência política dos profissionais no palco.

Alguém poderá dizer "mas eles têm direito a se manifestar". Concordo plenamente. Como eu e os demais espectadores que pagamos ingresso para vê-los temos o direito de não querer ouvir opinião política.

Repito, arte e cultura são fundamentais e nosso imenso e qualificadíssimo elenco de profissionais as fazem com maestria. No cinema, no teatro, na televisão, nos palcos. Mas, como bálsamo para um ambiente tão negativo, tão polarizado, a arte e a cultura poderiam nos oferecer tão somente o que se propõem. Servindo como higiene mental para tanta gente adoecida pelas idolatrias políticas, de todos os matizes.

Queridos artistas, amamos vocês! Porém eu, e acredito que muita gente, apenas gostaríamos que refletissem se é mesmo necessário manifestação político-ideológica em todos os momentos e especialmente naqueles minutos mágicos, inebriantes, do aplauso final como reconhecimento ao talento e à performance.

Jornalista

Irrigar mais ou irrigar melhor?

Rogério Chimanski da Fontoura

Em meio à realização de discussões públicas no Rio Grande do Sul sobre irrigação, a pergunta mais importante segue fora do palco: estamos irrigando melhor ou apenas irrigando mais?

Nos últimos anos, consolidou-se um discurso de que ampliar áreas irrigadas seria por si só, sinônimo de segurança produtiva, mas não se fala sobre eficiência hídrica. O debate público costuma tratar irrigação como corrida por infraestrutura, mais barragens, mais bombas, mais pivôs.

Discute-se pouco, no entanto, a relação entre disponibilidade hídrica, eficiência operacional e resultado econômico real. Não se trata apenas de uma questão agrônoma, é uma questão que envolve a economia do nosso estado, já que envolve a destinação de recursos públicos.

A mudança climática é a nossa realidade, as estiagens serão mais longas e com ondas de calor mais frequentes, aumentando a demanda dos cul-

tivos por água. Num cenário climático mais instável, competitividade agrícola não dependerá apenas de expandir infraestrutura de irrigação, mas da capacidade de produzir mais resultado econômico por unidade de água disponível.

Também chama atenção a ausência dos quadros técnicos do Estado nos espaços de debate. Profissionais que trabalham diariamente com análise e gestão de bacias acumulam experiência prática sobre os limites que precisam ser enfrentados. Ignorá-los pode ser confortável politicamente, mas empobrece o debate.

O desafio climático talvez não seja simplesmente irrigar mais, mas definir quanto da paisagem agrícola pode ser irrigada de forma economicamente sustentável, tanto para os irrigantes quanto para a sociedade que divide os custos. Sem enfrentar essa discussão, o governo estadual corre o risco de vender segurança hídrica no papel enquanto a escassez continua existindo na realidade que não costuma aparecer nas mídias.

Queremos medir sucesso pelo número de equipamentos instalados ou pela capacidade real de produzir com eficiência usando a água disponível? Essa decisão cabe a todos nós.

Engenheiro agrônomo